

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a amostra estudada pelo *Grupo* não autorize o mapeamento exaustivo dos modos de representação a que foi submetida a questão da diversidade lingüística como problema descritivo, propomos, tentativamente, para as tradições de estudo lingüístico que examinamos, as seguintes considerações de caráter geral:

A historiografia sobre o tema da diversidade lingüística não comporta uma interpretação discreta, em termos de ruptura kuhniiana. Há interesses e aspectos do problema que se cruzam, continuam e descontinuam, ao longo das tradições que estudamos, como a dubiedade das relações entre diversidade e gramática ou entre diversidade e léxico. Há outras dimensões da diversidade lingüística, como as relações de afinidade entre formas e sentidos de línguas diferentes, que parecem ter emergido como ‘objeto’ somente a partir do momento em que algumas condições empíricas foram preenchidas.

Quando se observa o tratamento que os europeus imprimiram à diversidade das línguas ‘exóticas’, aqui representado pelos registros de cronistas e de jesuítas (Schmalkalden, Piso, Cardim, Anchieta, Rodrigues *Tçuzũ* e Hervás), há nítida continuidade entre os séculos XVI e XVII, em contraposição ao XVIII.

Comparar formas lingüísticas e imprimir à análise uma orientação histórica foram práticas que ocorreram em nossa amostra no final do século XVIII, ainda que como temática secundária da história das civilizações. Parece razoável admitir que foi com o acúmulo de dados que a comparação e classificação das formas lingüísticas surgiram como tarefas exequíveis (cf. *Catálogo* de Hervás, de 1784). Essa mudança de estratégia metodológica se fez acompanhar de uma relativização na interpretação das diferenças interlingüísticas, a maior ruptura que observamos: a complexidade estrutural das línguas foi interpretada independentemente do grau de ‘civilização’ das nações que as falam, primeiro passo para desvincular a descrição dessas línguas do modelo latino.

O *Grupo* não dispõe de análises suficientes para uma reflexão mais abrangente do tratamento da questão nos limites da tradição portuguesa, aqui fragmentariamente ilustrada no século XVI por Oliveira, no XIX, por filólogos brasileiros e no XX, por Mattoso Câmara. Mas a dinâmica de tratamento do problema se vislumbra igualmente complexa. A preocupação normativa, evidente na questão ortográfica, ao lado da sensibilidade ao uso (‘costume’), parece coexistir com a descrição gramatical ao longo dos séculos. Transparece parcialmente nas propostas de Oliveira de simplificação da grafia da ‘oclusiva gutural surda’ para <c> ou, ainda, de substituição dos grafemas <m>, <n> pelo til na nasalidade vocálica (□ *sinar* em vez de *ensinar*); na proposta de Paranhos da Silva (1879-1880) de estabelecimento de uma ortografia brasileira (*môro* e *côro*, em lugar de *mouro* e *couro*) e, de certa maneira, até na sistematização fonêmica de Mattoso Câmara.

Embora o léxico tenha sido, ao contrário da gramática, um *locus* mais afeito ao registro da diversidade, houve também nele tendências padronizadoras. O vocabulário brasílico (séc. XVI) condena as formas ‘impropriamente introduzidas’ na língua, Oliveira (séc. XVI) não recomenda neologismos e arcaísmos extremados; Piso (XVII) fala em ‘corruptelas’; Hervás (XVIII) em ‘corrupção’; *Tçuzũ*, em ‘abusos no falar’; e a filologia brasileira do século XIX, em ‘vícios’.

No que diz respeito ao conhecimento lingüístico como atividade empírica — isto é, abstraídas as idéias que circularam no âmbito das filosofias da linguagem — é inegável que a progressiva descrição de ‘todas as línguas conhecidas’, ao longo dos séculos XVI e XVII, ampliou quantitativamente o quadro de reflexão sobre o problema da diversidade, que sofreu

alterações qualitativas a partir do século XVIII. É possível reconstituir o percurso que vai da semelhança e dessemelhança entre formas lingüísticas observáveis à superfície, à diversidade como manifestação de tipos estruturalmente diferentes. As mudanças na heurística e na metodologia de análise do problema ficam ainda por demonstrar.

REFERÊNCIAS

- Anchieta, José de. 1990[1595]. *Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil*. 9ª. ed. facsimilada. [Apres. Carlos Drumond, aditamentos Pe. Armando Cardoso, S. J.] São Paulo: Loyola. (1ª ed. Coimbra: Antônio Mariz, 1595).
- Anônimo. 1952/1953[1938]. “Vocabulário na Língua Brasílica.” 2ª ed. [Rev. e confrontada com o Ms. Fg., 3144 da Biblioteca Nacional de Lisboa por Carlos Drumond]. *Boletim* 137 e 138, Vols. I e II *A Etnografia e Tupi-Guarani* 23 e 24. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- Anônimo. 1998[1603]. *Vocabulário da Língua de Iapam*. [Comentários de Mitsunobu Ôtsuka]. Osaka: Seimondô.
- Barléu, Gaspar. 1974[1647]. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia.
- Cardim, Fernão. 1925[1625]. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. [Introd. e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia]. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia. (1ª ed. em *Purchas his Pilgrimes* vol. IV, Londres: Fetherstone, 1625.)
- Macedo Soares, Antonio Joaquim de. 1942[1874-1890]. *Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
- Mattoso Camara, Joaquim. 1953. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões.
- Nascentes, Antenor. 1936. *O Idioma Nacional*. 4ª ed. Vol. 1. Rio de Janeiro: Alves/Briguiet.
- Oliveira, Fernão de. 1975[1536]. *A Gramática da Linguagem Portuguesa de Fernão de Oliveira*. 4ª ed. [Introd., leitura actualizada e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu]. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda.
- Paranhos da Silva, José Jorge. 1879-1880. *O Idioma do Hodierno Portugal Comparado com o do Brazil*. Rio de Janeiro: Lourenço Winte.
- Piso, Willem. 1957[1658]. *História Natural e Médica da Índia Ocidental em Cinco Livros*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro.
- Rodrigues *Tçuzu*, João. 1954[1620-1633]. *História da Igreja do Japão*. Vol. I. Tóquio: por por João do Amaral Abranches Pinto.
- Rodrigues *Tçuzu*, João. 1976[1604/1608]. *Arte da Língua de Iapam*. [Comentários de Tadao Doi]. Tóquio: Benseisha.
- Schmalkalden, Caspar. 1998[1642-1646]. *Diário de viagem*. In *Brasil Holandês*. Vol. 1. *A Viagem de Caspar Schmalkalden – de Amsterdã para Pernambuco*. Rio de Janeiro: Index
- Swiggers, Pierre. 1993. “Langage, Langue(s), Comparaison et Histoire aux Temps Modernes”. *Geschichte der Sprachtheorie: Studien zum Sprachbegriff der Neuzeit* (MLL 4), ed. por Ulrich Hoinkes, 1-29. Münster.
- Wagener, Zacharias. 1997[1634-1641]. *Thierbuch*. In *Brasil Holandês*. Vol. II. Ed. por Cristina Ferrão e José Paulo M. Soares. Rio de Janeiro: Index, pp. 24-207. (1a. ed. Amsterdam, 1634-1641).